

História e memória em “Tempos Extremos”

History and memory in “Tempos Extremos”

Gabriel dos Santos Birkhann

Graduando em História pelo Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM).

E-mail: gbirkhannlegal@gmail.com

LEITÃO, Míriam. *Tempos Extremos*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014. 272 p.

A jornalista mineira Míriam Leitão, em seu primeiro romance, intitulado “Tempos Extremos”, consegue manter coesas e coerentes duas extremidades narrativas que são fortes e complementares, sem perder o ritmo característico de um bom romance.

“Tempos Extremos” é um livro que narra histórias que se distinguem na dimensão temporal: uma se passa no tempo da escravidão, e é centrada no eixo narrativo do escravo Constantino e de seus filhos, Bento e Paulina. A outra passa em tempos contemporâneos, na qual Larissa e sua mãe Alice são distantes nas convicções, mas partilham a dor: o pai de Larissa e marido de Alice foi vítima do Governo Militar e seu corpo até hoje não foi encontrado.

Alice, então, deseja informações a respeito de seu marido e as pede sempre a Hélio, seu irmão, membro do Exército, que foge pela tangente, por meio de uma série de justificativas e negações, todas as vezes que ela, militante de esquerda, procura falar do assunto, deixando Maria José, a mãe dos dois, chateada por não conseguir uma reunião de família que transcorra em paz.

A família de Larissa está reunida na fazenda de Soledade de Sinhá, adquirida por Sônia, filha de Maria José e tia de Larissa, uma fazenda que ficava num “vale cercado por montanhas e recônditos”. (p. 17).

Sônia, que comprou a propriedade para transformá-la num hotel, chama Larissa para que ela consiga recuperar a memória do lugar, a partir da vasta documentação presente no sótão no terceiro andar, tendo em vista a lucratividade de uma “fazenda histórica”.

Larissa, logo no primeiro capítulo, se depara com um vulto, que pensa ser uma brincadeira de Mônica, sua prima, filha de Hélio e Márcia, mas percebe que não é. O vulto é o aviso de que algo mais está por vir.

Larissa, então, trava contato, num entrelaçamento de dimensões, com Constantino, escravo do século XIX, já idoso e à beira da morte. Constantino deseja que Larissa indique aos seus filhos, Bento e Paulina, qual o melhor caminho a se seguir, qual deu resultado, na luta pela liberdade: se a rebeldia ou se a obediência, se a fuga ou se a espera da alforria pela via pacífica.

Bento pretende conquistar a liberdade pela luta, pela fuga, pela rebeldia. Não acredita numa liberdade “ganha”. Para isso, organiza uma fuga no dia do casamento de Antonieta, filha de seus donos.

Paulina, por seu turno, tem por objetivo conquistar a sua liberdade pela forma pacífica, e usa de um artifício para tê-la: convence Antonieta, a quem serve como ama, a conseguir do pai sua carta de alforria, no dia de seu casamento.

Larissa, até um momento da história, não consegue as respostas:

[...] eu posso contar dos personagens que ficaram nos registros históricos. Só sabemos de alguns. Não sabemos da vasta multidão de pessoas que, em cada pedaço do Brasil, travou sua batalha solitária. Na verdade, é essa longa teia de resistência que permite a vitória, mas a História é cruel com os anônimos [...]. (p. 137).

Por isso, os irmãos Bento e Paulina seguem cada um com seus planos, sem terem consciência de qual dos dois obterá êxito.

Nesse momento, Larissa descobre os documentos de que precisa, e que achava inexistentes, e, a partir daí, ela procura os irmãos para lhes contar o que vai acontecer com eles, com a esperança de que não fosse tarde demais.

Antônio, marido de Larissa, que estava no Rio de Janeiro, onde conseguira com uma fonte do Exército importantes documentos, chega à fazenda Soledade de Sinhá, com uma revelação que mudará a vida da família de Larissa.

A partir desses dois “momentos-chaves”, o romance segue num ritmo acelerado até atingir o clímax, que nos traz a certeza de que acabamos de ler um romance contemporâneo à altura do nome.

Míriam Leitão consegue mostrar sem sutilezas os dilemas que o Brasil enfrenta até hoje: a dificuldade em sedimentar uma memória (entendida como faculdade de reter e reelaborar as ideias e sentimentos adquiridos) sobre temas tão cruciais de sua História como a escravidão e a Ditadura Militar e o de abrir os arquivos para a discussão de sua História (revisão historiográfica, por exemplo).

É um livro recomendado para todos: para leitores inveterados e novos, para historiadores, em suma, para quem deseja, através de uma leitura reflexiva, profunda e prazerosa, ter um vislumbre de parte da nossa história recontada de maneira ficcional.

Referências

LEITÃO, Míriam. *Tempos Extremos*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014. 272 p.